

*Percorrendo idiossincrasias do pensamento do Luis no caminho de  
Simondon*

Luis Eduardo Aragon

Caros,

Minha situação aqui, diante de vocês, é complicada! Isso porque este nosso encontro trata – ou deveria tratar – de **clínica**. No entanto, é preciso dizer, **eu não sei nada desse assunto**. Vejam que situação inusitada e incômoda, mais, angustiante. Eu me proponho a vir aqui, falar de clínica, mas percebo que aquilo que este termo procura representar escapa por todos os lados, toda vez que acredito poder segurá-lo!

No entanto, eu precisava saber o que isso é, a clínica, já que sou doutor justamente em psicologia “clínica”. Mas, ao contrário, falando assim, devagarzinho, psicologia clínica, a clínica me parece ainda mais misteriosa. O título de doutor deveria poder me dar um suporte, um “lar”, “um lugar estável onde existir”, mas dou conta de que o feitiço se volta contra o feiticeiro, quando parece que então tenho a obrigação de falar alguma coisa, e o que é pior, com propriedade. E essa leve-**angústia**-meio-insistente, faz crer que algo daquele “lugar estável onde existir” não vai bem.

Mas aí, vejo surgir algum caminho possível, e isso talvez seja uma potência de ser clínico de mim mesmo.

Obviamente, vocês não estão muito interessados nisso, ou seja, eu poder ser clínico de mim mesmo, mas, já que estamos aqui, essa potência pode ser útil de alguma forma.

Esta potência surge da seguinte maneira: junto com a idéia de clínica, vem a de “agenciamento coletivo”. Puxa vida! Eu não estou sozinho nessa! Posso agenciar a “minha” coletividade com a de vocês e, quem sabe, nos aproximarmos de algo que poderíamos chama de clínica. Será que assim, essa angústia, que não tem forma, mas é muito concreta, se move de algum jeito, muda, desaparece, se distancia, dá lugar à alegria?

Mas a angústia não é inimiga! Também não dá pra dizer que é amiga! Não posso repeli-la simplesmente, mas também não adiro a ela automaticamente, sem ressalvas. Ela é o próprio **estranho!** Escorrega pelas categorias e classificações, passa e faz passar, sem se apaziguar num ou noutro ponto, imagem, nome.

Daí, ou daqui, a coisa começa a soar mais complicada. Isso pois, não se trata de acabar com a angústia, recusando-a, nem de aceitá-la e ficar mergulhado nela. Se pensarmos que aquela minha “potência auto-clínica” pressupunha o agenciamento coletivo, e que a angústia não está restrita a formas individuadas (imagem, categoria, classificação, sujeito), ficamos com uma questão fundamental: este coletivo não pode ser um

coletivo de pessoas! Se assim o fosse, nós poderíamos entrar num “love total”, formar uma unidade, uma completude, um único ser narcísico – se preferirem. Ou darmos as costas uns aos outros e irmos embora, e estaria tudo resolvido. Mas, acredito firmemente, que estas atitudes não **resolveriam** a angústia. Ela não pertence ao plano dos indivíduos. E é por isso que, penso, tomar um comprimido, comprar uma roupa ou um livro novo ajuda, mas não “resolve”<sup>1</sup>.

Ah! Olha a potência clínica aí, socorrendo novamente, apo(n/r)tando caminhos! Lembrei da minha tese! Até agora ela não estava em lugar nenhum. Não dá pra dizer nem mesmo que era uma inutilidade qualquer, mas agora, se apresentou. Lembrei que lá tem um conceito de coletivo.

Fui lá ver, e no início deste capítulo “o coletivo” (Aragon, 2005, p. 67), tem uma frase do Fernando Pessoa que diz assim: “o ambiente é a alma das coisas. Cada coisa tem uma expressão própria, e essa expressão vem-lhe de fora”.

Lendo estas palavras já sinto que algo está mudando. Não que *eu* saiba exatamente o que o Fernando Pessoa quer dizer, e nem mesmo estou bem certo do porque escolhi esta frase de epígrafe, mas vai surgindo a impressão de que com ela se abre um sentido que já estava de alguma forma (ou sua própria forma) sendo gestado.

---

<sup>1</sup> Resolver é empregado no um sentido de um processo, através do qual um ser em devir, imerso em um campo problemático, encontra expressão parcial da realidade pré-individual em um novo equilíbrio metaestável.

O coletivo não é o *socius*, nem um conjunto de pessoas ou indivíduos e, por isso, não é uma realidade interindividual. É, segundo a definição pela qual optei: “multiplicidade singular pré-individual, em devir. A unidade, o mais essencial ou originário, já é uma multidão, uma rede”.

Nesse ponto, minha angústia está indecisa. Por um lado “ela” pareceria se interessar por considerar o coletivo como conjunto de indivíduos, pois assim sendo, asseguraria a *possibilidade* de se transformar usando, a rigor, o dado, o atual, as formas, o passado enquanto memória. Vejam que pressupondo sujeitos individuados, em relação, é toda uma constelação ética, política e prática que está em jogo. Por exemplo, podemos pensar na expressão do poder por meio da repressão, que age punindo e impondo uma lei, numa perspectiva daquilo que está formalizado. Mas podemos pressupor, por outro lado, que antes da forma da lei há aquilo que a constitui, um processo de formação de normas, de normatividade. A expressão do poder que busca agir neste plano não reprime, mas fomenta, incita<sup>2</sup>.

Por outro lado, a angústia envolve a intuição de que este caminho é apenas parcialmente interessante. Parcialmente, se estiver implicado

---

<sup>2</sup> Este exemplo tem inspiração foucaultiana, como pode ser depreendido da análise de Roberto Machado: “Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. [...] Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder. [...] ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de forças.” (Machado, 2001, p. XIV-V).

com a ignorância da multidão<sup>3</sup>, do potencial, dos seres em devir<sup>4</sup>, do coletivo entendido como singularidades em devir, em **disparação**<sup>5</sup>.

O coletivo-multidão existe no limiar do tempo, à medida que os corpos vão se encontrando, afetando, e sendo obrigados, não a assimilar novas formas e conteúdos, mas a produzir novo ser.

Esta problemática da angústia vai me conduzindo a um **topos**<sup>6</sup> singular e não muito confortável. Aquele onde pulsa um certo descontrole, uma zona de indiscernimento, de desmedida, de contingência, de abandono das certezas e da segurança. Isso porque o coletivo não se reduz à atualidade apesar de ser real, ele vai singularizando o nosso encontro a medida que **acontece**. Eu não posso hipnotizar o coletivo, manipulá-lo e nem recusá-lo, mas apenas **participar**<sup>7</sup> nele.

---

<sup>3</sup> Multidão, segundo Negri (2003, 179), “é um conjunto irreduzível de singularidades, e a singularidade (como instante de exposição para além da medida) é produção de nova pluralidade, de novas multidões.”

<sup>4</sup> Devir “é uma resolução de tensões primeiras e uma conservação destas tensões sob a forma de estrutura.” (Simondon, 1995, p.23).

<sup>5</sup> Disparação é um termo que Simondon tomou da psicofisiologia da percepção, denotando a produção de uma nova dimensão – a profundidade ou tridimensionalidade – a partir do “campo problemático” formado pela assimetria da imagem bidimensional de cada olho. A nova dimensão não se reduz àquelas, ou a uma combinação delas. Assim Simondon procura mostrar que o indivíduo é sempre o resultado de um processo de individuação, no qual a relação é primeira.

<sup>6</sup> O espaço euclidiano não dá conta da gênese do vivo. Neste último “todo o conteúdo do espaço interior é topologicamente em contato com o conteúdo do espaço exterior sobre os limites do vivo; com efeito, não há distância em topologia; toda a massa de matéria viva que está no espaço interior é ativamente presente no mundo exterior sobre o limite do vivo: todos os produtos da individuação passada são presentes sem distância e sem retardo.” (Simondon, 1995, p.225). O presente do vivo se dá pelo afrontamento do passado interior com o porvir exterior ao nível da membrana, articulando uma cronologia correlativa à topologia. (Simondon, 1995, p. 226).

<sup>7</sup> “A participação, para o indivíduo, é o fato de ser elemento dentro de uma individuação mais vasta, por intermédio da carga de realidade pré-individual que o indivíduo contém.” (Simondon, 1995, p.27).

A participação implica em uma potência expressiva a partir de um **ressoar** que é encontro de diferentes se afetando e produzindo diferença. É o próprio contato com a alteridade, produzindo realidade transitiva, transicional, criativa, aperceptiva, ou ... angústia.

Então o agenciamento, de alguma maneira, já está engendrado no coletivo enquanto potência de participação.

Nós nos propomos a vir para cá, e um processo de singularização, de “ressonância interna”<sup>8</sup>, de disparação, já vai ocorrendo. É diferente de pensarmos apenas com a categoria do possível. O possível é a projeção, no futuro, de ocorrências do passado. Pode ser bom ou ruim, pode ser amargo ou doce, e assim por diante. Deste jeito, talvez desse certo sermos administradores de nós mesmos, manipulando dados ou estatísticas do possível (é todo o território da teoria do feed-back). Mas estamos no terreno do possível aberto ao potencial, da abertura do tempo, da imaginação da imagem<sup>9</sup>, da **intuição**<sup>10</sup>. Este é o território da **metaestabilidade** e não da estabilidade. Engloba o atual e o virtual em

---

<sup>8</sup> Ressonância interna é o modo mais primitivo de comunicação entre realidades de ordens diferentes, engendrando dois componentes: amplificação e condensação.

<sup>9</sup> Foucault afirma que “o imaginário não é um modo de irrealidade, mas um modo de atualidade, uma maneira de pegar em diagonal a presença para daí fazer surgir as dimensões primitivas.” (1994, p. 142). Desta forma, o autor retira o caráter estático das imagens e desenvolve uma concepção de processualidade das mesmas participando da ontologia do real.

<sup>10</sup> É o processo pelo qual uma estrutura aparece em um domínio problemático como aportando a resolução dos problemas propostos. (Simondon, 1989, p. 27). Em outro texto (Aragon, 2005, p.116) defini a intuição como o contato que se estabelece, a cada instante, com aquilo que não respeita a cronologia da consciência, e nem tampouco a do processo primário (inconsciente); com a apresentação de uma multiplicidade singular que não significa, mas produz sensações.

complexa relação, sem supressão da heterogeneidade, mas com resoluções parciais.

O agenciamento é agenciamento de “uma” constelação de coletivo que se apresenta agora, ocorrendo por saltos, enquanto atravessa/cria o tempo e “experimenta” o passado como abertura para o futuro (Negri, 2003, p.66). O acontecimento é forjado numa tensão entre o tempo e a topologia, dando contorno a novas temporalidades e espacialidades.

As próprias emoções podem ser pensadas como a expressão ou a resolução, por participação, de afecções em um coletivo para além delas próprias, pois cada afecção carrega em si a incompatibilidade consigo mesma. Esta é uma forma de pensar as emoções através da lente da metaestabilidade. Os afetos categóricos, determinados por Darwin, são baseados no esvaziamento desta multiplicidade de afetos em movimento, em favor de traços fisionômicos generalizáveis (felicidade, tristeza, medo, raiva, desgosto, surpresa e interesse). Se não realizarmos esta redução, teremos que lidar com aspectos mais inapreensíveis das emoções, com a emoção no infinitivo, o **emocionar**. Se nos permitimos mergulhar no campo de afetação, no campo problemático que evolve, não encontraremos nunca “A felicidade”, mas a explosão de alegria, a alegria se despedindo, entristecendo. É o mundo dos “afetos de vitalidade”<sup>11</sup> de Daniel Stern.

---

<sup>11</sup> Afetos de vitalidade são “qualidades de sensação existentes que não se ajustam ao nosso léxico ou taxionomia de afetos existentes. Essas qualidades indefiníveis são mais bem capturadas por termos dinâmicos, cinéticos, tais como ‘surgindo’, ‘desaparecendo’,

Percebo que a “minha” angústia já está perdendo o sentido. O nome já não dá conta do que emerge, metaestável, como emoção e sentimento em devir. Emoção e sentimento que são o resultado do problema de estar aqui. Não é mais “a mesma”, pelo menos, do que a que me ocupava no início deste encontro.

A **produção de sentido** vai acontecendo processualmente por engendramento de uma nova individuação, que leva em conta o atual e os “restos” pré-individuais, ou potenciais. Ou seja, na produção de sentido não há perda, todos os planos ou todas as fases do ser (concreto como diz Simondon) estão envolvidas na transdução<sup>12</sup>.

Vou aproveitar este ponto para trazer um conceito proposto por Simondon que me pareceu intrigante, o de inconsciente.

Para ele inconsciente é “capacidade de ação”. Simples assim!

A ação motora – ou seu paralelo psíquico – a imaginação (produção de imagens, sentimentos e emoções), é resultado de uma processualidade que a consciência só consegue apreender *a posteriori*. A sensação de voluntarismo é resultado da ilusão que faz uso de uma projeção do instituído, da memória, para capturar o sentido da ação, que não se

---

‘passando rapidamente’, ‘explosivo’, ‘crescendo’, ‘decrecendo’, ‘explodindo’, ‘prolongado’ e assim por diante”. (Stern, 1992, p. 47).

<sup>12</sup> Transdução é a operação física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga gradativamente no interior de um domínio. Cada região que se forma serve de princípio de constituição à região seguinte. A modificação ocorre ao mesmo tempo em que se engendra a estrutura. (Simondon, 1995, p.30).

restringe a ela. A própria consciência é um epifenômeno<sup>13</sup>. O inconsciente representacional está ainda no plano do possível, do estereótipo e do clichê, não reservando nenhum sentido em si, apenas o fazendo enquanto participante de uma defasagem lateral que é constituinte de um novo ser.

Este tema prepara o terreno para “finalizar com a angústia”.

A angústia possui um caráter especial, pois não chega a ser um sentimento, nem uma emoção. Não é paralisia, mas não é resolução de um campo problemático. É a própria expressão de um paradoxo!

Para Simondon, sentimento é o resultado processual de síntese de diferentes impressões (disparação) da percepção sensorial (ela mesma resultado metaestável de um “mundo ambiente”<sup>14</sup>). Emoção é o resultado parcial de expressão dos afetos produzidos nos encontros.

Quanto aos sentimentos, a angústia é a percepção de estar separado do mundo. A percepção de que o mundo avança, exige uma nova individuação, mas a transformação é buscada no próprio indivíduo, como uma atualização total da virtualidade, do coletivo, com a repetição

---

<sup>13</sup> Espinosa – segundo a leitura de Deleuze – afirma que a consciência é puramente transitiva, sendo um sentimento contínuo da passagem ou variação do ser no encontro com outros. Ela acalma a angústia de sua ignorância através de uma tripla ilusão: da finalidade (tomando os efeitos como causas), da liberdade (tomando-se a si própria como causa primeira) e teológica (tomando um Deus ou ser transcendente como causa final, quando a ilusão de liberdade não é suficiente). Em verdade, a consciência é inseparável desta tripla ilusão que a constitui (Deleuze, 2002, p. 26).

<sup>14</sup> Mundo ambiente ou *umwelt* é um termo utilizado pelo etólogo Jacob von Uexküll para denotar um mundo que é, propriamente, o mundo que está aquém ou além das formas sujeito e objeto. Que os inclui, atravessa e con-forma. É um termo que procura resistir ao que, no “meio ambiente”, é já separado *a priori*.

do já dado. O indivíduo sente o isolamento progressivo e, ao mesmo tempo, percebe sua individualidade disseminar-se pelo tempo/espaço, só vendo se apresentar, no mundo, o signo de si mesmo enquanto ser individuado.

Quanto à emoção, a angústia seria o próprio precipitado de afecções em emoção, mas desligado da ação. É a pura repercussão do ser nele mesmo.

No entanto, paradoxalmente, a angústia é o resultado da tensão do ser “fasado”, que guarda uma incompatibilidade consigo. É o que permite a “consciência de si”, pois de outra forma esta se esvazia e perde o sentido.

Entrando, com Simondon, no terreno da ética, o **ato moral** implica em não ignorar o coletivo enquanto multidão de afecções, multiplicidades do ser, alteridade irreduzível, em devir. É ação que resolve, exprimindo ou atualizando um campo de forças, sem esgotá-lo. Isso leva em conta as marcas, as representações, os símbolos, os automatismos perceptivos e afetivos, mas também o potencial dos encontros, o contingencial o molecular e rizomático. O ato moral implica o “apagamento do ser individual”, e uma amplificação da ação em espraiamento lateral, no ilimitado de outras ações. O ato moral cumpre a exigência ética de correlação significativa entre as normas<sup>15</sup> e os valores<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Normas são as linhas de coerência interna de cada equilíbrio metaestável, compondo um sistema funcional (Simondon, 1995, 243).

“Epígrafe de meio de texto”

“Se a noite não tem fim, o mar perde o valor, opaco é o fim do mundo pra qualquer navegador, que perde o oriente e entra em espirais e topa pela frente um contingente que ele já deixou pra trás [...]”

Chico Buarque e Edu Lobo (Meia-noite)

Por outro lado, Simondon delimita o que seria um **ato louco** ou não moral. Este é a “vertigem da existência iterativa”, sendo a repetição do mesmo, ou seja, a inserção no devir de um ato que não se transforma com ele, não compõe uma individuação mais vasta. Promove uma alienação do inconsciente enquanto capacidade de ação ou de participação, resolvendo a exigência perceptivo-afetiva com esteriótipos e clichês. Nesta perspectiva é que Simondon critica o que chamou de **estetismo**, tendo este como unificação de atos segundo um estilo comum e não segundo seu poder de transdutividade. O estetismo é um “ato parasita”, um “falso ato”, estando mais relacionado ao “ato imoral”, o qual parece ser uma variedade do não moral, produzindo uma destruição das significações por introduzir um esquema de confusão que impede os

---

<sup>16</sup> Valores são as linhas que podem vir a ser normas no equilíbrio metaestável seguinte. É um sentido do devir que se conserva de um estado a outro. Transcende o funcional, sendo através do qual as normas de um sistema podem se tornar normas em outro, tornando a norma normatividade, pois engendra naquela sua própria destruição. (Simondon, 1995, p. 243). O valor de um ato é a efetiva realidade de sua integração deste numa rede de atos que é o devir. (Simondon, 1995, p.245)

atos de se estruturarem em rede. O estetismo cria abstrações e vive da novidade, sendo que esta mesma novidade é apenas a repetição de uma forma. (Simondon, 1995, p. 246/7) (lembro da letra do Cazuza quando dia “museu de grandes novidades”)

Quando comecei a pensar o que falar aqui, pensava em abrir a questão da **compulsão à repetição**. Como não comecei, terminarei com ela. A compulsão à repetição delimita para mim o próprio problemático, sendo irreduzível a qualquer tentativa de explicação e tendo uma dupla face (pelo menos) de movimento, esquecimento, arejamento e dissolução, bem como de esgotamento vital, repetição do mesmo e paralisia.

Como clínicos temos uma obsessão por saber como interferir no aspecto angustiante do ato louco, o qual, em certa medida, é involuntário. O ser “está” em ato louco. O inconsciente entra em regime de inação ou de circularidade. É preciso esclarecer que, para Simondon, a colocação de questão em termos de ser o ato voluntário ou involuntário, ser uma opção ou escolha, é uma colocação inadequada, um falso problema. Propor o problema nestas condições só tem sentido se nos postarmos no território dos seres individuados, os quais, deste lugar, poderiam fazer a escolha entre este ou aquele ato. Mas este é o terreno da ilusão.

O “ser concreto” engendra múltiplas fases - e não só a atualizada em indivíduo - e a ação se dá no limite do estabelecido e do contingencial. Pensando assim, a cada instante jogam-se os dados do

acontecimento, o qual tem um plano projetivo/possível e outro inesperado/potencial. Faz-se a constituição da desmedida do mundo-em-engendramento através da ação daquilo que está além da medida, ou seja, que não tem a medida como parâmetro. Gênese do tempo em relação complexa de Cronos e Kairós.

Penso que, enquanto clínicos – ou não – é possível preparar, convidar, gestar, fomentar, nos encontros, uma ou outra atitude, sem ter o controle total, determinista, da ação (aliás é por isso que a sociedade de controle não consegue capturar integralmente o vital nas malhas de sua biopolítica).

Aragon, L. E. P. (2005). *O impensável na clínica*. Tese de doutorado apresentada à PUC-SP.

Deleuze, G. (2002). *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta.

Foucault, M. (1994). Introduction. In: *Dits et Écrits: 1954 – 1988*, Vol. I. Paris: Gallimard.

Machado, R. (2001). Por uma genealogia do poder. In: *Microfísica do poder* de Michel Foucault. Edições Graal: Rio de Janeiro.

Negri, A. (2003). *Kairós, Alma Venus, Multitudo: nove lições ensinadas a mim mesmo*. DP&A editora: Rio de Janeiro.

Simondon, G. (1989). *L'individuation psychique et collective: a la lumière des notions de Forme, Information, Potentiel et Métaestabilité*. Paris, France: Aubier.

- \_\_\_\_\_ (1995). *L'individu et sa g nese physico-biologique*. Grenoble, France: Jérôme Millon.
- Stern, D. N. (1992). *O mundo interpessoal do beb : uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Uexk ll, J. (s/d). *Dos animais e dos homens: digressões pelos seus mundos próprios: doutrina dos significados*. Lisboa, Portugal: Livros do Brasil.

Este texto foi parte de apresenta o em um dos encontros do “Agenciamento Coletivo de Clínica”, atividade do Núcleo de Estudos da Subjetividade, Coordenados por Elizabeth Araújo Lima e Luis Eduardo Aragon. Outro texto envolvido no mesmo encontro   o que se segue abaixo. Trata-se de uma expressão narrativa que tem por objeto uma situa o clínica narrada em supervisão dada pelo autor. A “forma” singular da escrita busca criar uma atmosfera que produza ressonâncias nos presentes, tentando alcançar uma abertura que transmita o que escapa ao próprio escritor. O texto visa, através da singularidade de expressão produzir uma transferência de “potência clínica” mais do que uma transferência de conhecimento formal.

Lázaro

Atravessava o mundo dos vivos, com olhos vazados e corpo moribundo. Sem sentido, os fatos iam e vinham num marejar sem som. Ao alcance das mãos já não tinha a mulher que um dia pensou amar ou a filha que acreditou conhecer. Seus irmãos - um morto e outro preso - já não podiam ecoar sua voz sem vida.

A mãe, a terra, os desejos, eram memórias apagadas de uma mente perdida em lassidão imperativa.

A cama, túmulo possível de uma morte alongada é, esta também, sem sentido.

Mas os despojos de algo, que talvez um dia tenha sido um princípio de existência, tardavam ainda, como que aguardando um desenlace que, no entanto, ele próprio não tinha como realizar. Assim vagava seu inanimado corpo por entre outros entes, vistos por ele como objetos em processo de degradação.

Ouviu de longe, como a zanga de um trovão no horizonte, um som que parecia dirigir-se a ele. Mas não, a dissipação célere mostrava que não. Nem havia som, nem havia ele.

Entretanto, de um fundo que talvez pudéssemos chamar de “quase-sonoridades”, frustras na tecedura de uma membrana, um tímpano, o trovão rugiu com todo o vigor. Sim, não podia haver dúvidas,

era som, era grave, era ele, por primeira vez. O toque trouxe consigo o cinza chumbo e as tempestades. Trouxe as ventanias e o frio.

Corpo molhado, gelado, tremente e temeroso, tocado. Sentiu! E a sensação foi de poder levantar-se da cama-cova, dissipando a dormência eterna, e saltar em um pulo do passamento sem fim que fora levado a percorrer.

Sentiu pela primeira vez, ou assim parecia. Algo como vida ou calor ou casa surgiu no frio e no medo. Como Lázaro, surpreendeu-se vendo. No início uma luz ofuscante embaçou seus olhos renascidos, mas estavam presentes o suficiente para sustentar o esforço lacrimoso de enxergar. Da dor e da crueza de um encontro, pouco a pouco, surgia diante dele, uma figura.

O som-tempestade, era a grita imemorial que atravessava a garganta, o ar, o tempo, a lógica, amparado em corpo de mulher. Sim, amparado em um corpo, mas corpo mundo, vital, intensivo.

Mulher, alta, traços bem femininos e olhar atônito. Ela tinha experimentado naquele momento ser passagem de algo extremamente forte e involuntário. Uma força, uma voz, uma bronca, um amor. Algo da sensação mortífera ganhou terreno lentamente em seu ser e – sem planos – viu surgir à enxurrada afeto vivo, para além dos automatismos e das cordialidades, dos clichês e das técnicas, um afeto que toca, ruge, redime a humanidade e puxa a vida não se sabe de onde.

No despertar da moção inconsciente e necessária ela encontra a culpa, o remorso, a auto-crítica, seus velhos companheiros. Não sabia – na exaustão de seu alvorecer – que o fluxo sem rédeas da tempestade, era o ingrediente alquímico da transmutação da morte em vida. Os anos de estudo e cultura turvaram sua visão com as propriedades da técnica e do acolhimento amoroso. Clamavam por controle e consciência. Não podia imaginar que a violência ancestral, escondida quem sabe em algum território molecular, pudesse ainda emergir, violentar, fertilizar, a si e ao outro. Ou melhor, violentar simplesmente. Produzir a queima da individualidade dos seres em fogueira ritual e fazer aparecer o coração pulsante, irracional, bombeando o sangue de um verdadeiro acontecimento, um encontro, uma marcação a ferro quente.

Na retomada das individualidades, ambos os seres estavam feridos ... e apaixonados. Não a paixão romântica da veneração do eu, mas a do sofrer/viver foi que surgiu. Sofrer desorganização, entrega, abandono das guardas e garantias, desapego, dor, medo, vida. Sofrer a luminosidade dos paradoxos: só se é quando se abandona; só se vive quando se mata; só se toca quando se apaga; só se encontra quando se perde; só se trata quando se esquece.

Sim, uma porta se abriu e, por um instante ou mais, o gosto da vida encheu as bocas de sabores.

A porta – trêmula e imprecisa – baila um percurso incerto. Range as dobradiças ora para um lado ora para o outro, ora para dimensões

mais tenebrosas ora não. Porta multidimensional atravessa a espessura do tempo, forjando sentidos. O futuro da abertura, não se sabe e nem se pode prever. Se o sangue irá circular mais e mais, descobrindo outras partes do corpo-mundo-desejo ou irá petrificar em inertes trajetos venosos. Se irá pulsar em círculos, reiterando os velhos panoramas ou pulsará aventuras em distâncias desmedidas. Mas uma coisa é certa, não mais encontraremos Lázaro vagando sua morte num limbo sem chão ou horizonte.

Agora já é possível morrer.

Luis Eduardo Aragon